



SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

MARIA HENRIQUETA COSTA CAMPOS
MARIA FRANCISCA XAVIER

8. Estrutura semântica do enunciado

TÁBUA DE MATÉRIAS

- 8. **Estrutura semântica do enunciado**
 - Objectivos
 - 8.1 **Sentido e referente**
 - 8.1.1 Sentido e sistema
 - 8.1.2 Referência e enunciação
 - 8.2.3 O referente do enunciado
 - 8.2. **Sobre a referência**
 - 8.2.1 Expressões referenciais e expressões predicativas
 - 8.2.2 Expressões definidas e expressões indefinidas
 - 8.2.3 Uso referencial e uso atributivo de expressões indefinidas
 - 8.2.4 Ambiguidade referencial
 - 8.2.5 Expressões definidas
 - 8.3 **Referente e valor referencial**
 - 8.4 **Tópicos de recapitulação geral**
- Referências bibliográficas**

Objectivos

No final desta unidade os alunos deverão ser capazes de:

- distinguir os conceitos de sentido e referente
- distinguir expressões referenciais e expressões predicativas
- conhecer a estrutura semântica do enunciado
- distinguir expressões definidas e expressões indefinidas
- distinguir entre o uso referencial e o uso predicativo de expressões definidas e de expressões indefinidas
- reconhecer e descrever a ambiguidade referencial
- distinguir os conceitos de referente (na sua aceção mais corrente) e de valor referencial

O enunciado tem uma determinada estrutura semântica que está relacionada, não só com o sentido da proposição que lhe é subjacente, mas também com outros valores que convergem para a sua interpretação global, isto é, para a sua significação.

Antes de definirmos a estrutura semântica do enunciado vamos introduzir a oposição entre os conceitos de **sentido** e **referente**, básica no estudo da significação.

8.1 Sentido e referente

Consideram-se tradicionalmente funções da linguagem **nomear** (**designar** ou **referir**) e **predicar**. Através de uma expressão nominal ou pronominal nomeia-se ou refere-se um objecto — real ou imaginário — que é construído como exterior à própria língua. Esse objecto é o referente da expressão usada para referir: *o Gil, este livro, as mesas redondas, um estudante de física, alguma gente que passava, o Gigante Adamastor, a alegria com que me recebeu, eu, te, lhes* etc.¹

Debrucemo-nos, por ora, apenas sobre as expressões nominais. Além de um referente, a cada expressão nominal associa-se igualmente um **sentido** (ou **significado**), que corresponde à definição do dicionário, ou a uma composição de definições no caso das expressões compostas por várias unidades da língua. Por exemplo, a expressão *este livro* tem como referente um determinado objecto, e o seu sentido é «o objecto que se encontra na vizinhança imediata do locutor e que pode ser definido como «uma reunião de cadernos manuscritos ou impressos, e cosidos ordenadamente»².

¹ Esta exemplificação mostra que o termo 'objecto' que acima usamos abrange não só o próprio termo no seu sentido corrente (*as mesas*), mas também indivíduos (*um estudante, eu*) ou abstrações (*a alegria*).

² Cândido de Figueiredo, 1949¹⁴.

8.1.1 Sentido e sistema

Para distinguir entre sentido e referente diz-se habitualmente que o sentido faz parte do sistema que é a língua, ao passo que o referente é o objecto, real ou imaginário, cuja existência é construída linguisticamente como exterior a esse mesmo sistema: *este livro é do Gil*.

O sentido de uma expressão é, portanto, interno à língua — é o lugar que essa expressão ocupa num sistema de relações semânticas com outras expressões da língua. Por outras palavras, no léxico de uma língua, o sentido de cada expressão é delimitado pelo sentido das outras expressões da mesma língua: o sentido de *livro* pode organizar-se em vários subsistemas nos quais é delimitado, por exemplo, pelo sentido de *folheto, brochura, album, revista, tomo, calhamaço, caderno, bloco*, etc.

Não só as expressões que no léxico de uma língua constituem uma lista aberta — as unidades lexicais — se delimitam mutuamente no seu valor semântico. Também no conjunto das unidades gramaticais, que integram uma lista

fechada, é pertinente ter em conta essa delimitação. Se compararmos as ocorrências do conector de coordenação *e* — tradicionalmente designado por conjunção coordenativa copulativa — nos enunciados seguintes, verificamos que correspondem a valores diferentes:

- (1) a. a Ana é simpática e o Gil é bonito
- b. ele entrou e foi-se pôr à janela

Com efeito, em (1a) pode inverter-se a ordem dos termos coordenados sem que daí resulte qualquer alteração semântica. Em (1b), pelo contrário, resulta dessa inversão uma alteração semântica. Comparando com outras línguas, este exemplo permite ilustrar a relação entre sentido e sistema. Diz Caron (1983: 180) que, para traduzir o conector de coordenação que ocorre em (1a) e (1b), o japonês utilizaria duas partículas diferentes, com sentidos diferentes, que se delimitam no sistema lexical daquela língua.

Na constante evolução das línguas naturais, há expressões que nascem, outras que desaparecem ou se modificam, e a organização relativa das expressões que coexistem num dado estado de língua é continuamente feita e refeita. Por exemplo, na passagem do latim ao português, desapareceu o substantivo latino *vir* («ser humano do sexo masculino»), e o seu sentido foi absorvido por outro substantivo latino *homo* («ser humano»). O substantivo *homem* surge assim, no léxico do português, acumulando aqueles dois sentidos (que exemplificamos, respectivamente, nas frases (2a) e (2b)):

- (2) a. em Portugal, só os homens têm de fazer serviço militar
- b. todo o homem é mortal

Se o substantivo *vir* tivesse passado para o português e mantivesse o sentido que tinha em latim, o sentido de *homem* seria necessariamente delimitado pela existência desse outro substantivo.

Os estudos de semântica lexical sincrónica e diacrónica permitem ilustrar com clareza a organização sistémica do léxico de cada língua. Darei apenas dois exemplos. É bem conhecida a evolução semântica do verbo *lavar*, cujo sentido, ainda no século XVI, era equivalente ao sentido actual de *trabalhar*. A atestar este facto temos, entre muitas outras, a seguinte passagem da *Farsa de Inês Pereira* de Gil Vicente:

- (3) Vem a Mãe, e, não na achando lavrando, diz: «Logo eu adivinhei/lá na missa onde eu estava,/como a minha Inês lavrava/a tarefa que lhe eu dei .../Acaba esse travesseiro!»

Em português moderno, à excepção de algumas expressões fixas (*lavar uma acta, prata lavrada*, etc.) o verbo *lavar* adquiriu e integrou um objecto directo não variável, passando a significar especificamente «trabalhar o campo». Na reorganização do campo lexical associada a esta evolução semântica, o verbo

trabalhar veio ocupar o lugar deixado vago, passando a ter um valor diferente do que tinha anteriormente.

Vejamus um segundo exemplo, que nos é familiar em português contemporâneo. Comparando o sentido corrente da palavra *novela* há cinquenta anos e nos nossos dias, pode dizer-se que o sentido de *novela* sofreu alteração nas suas relações semânticas com outras palavras da língua: hoje, a palavra *novela* é delimitada, por um lado, pela presença de palavras como *filme* ou *série*, por outro lado, no campo menos corrente dos estudos literários, pela presença de *romance* ou *conto*. Há cinquenta anos, porém, o sentido de *novela* só era delimitado neste último campo.

8.1.2 Referência e enunciação

A uma expressão a que se associa determinado sentido podem corresponder referentes diversos. O sentido da expressão nominal *o actual Presidente da República Portuguesa* é «o Presidente que está em funções no momento em que essa expressão é enunciada». O referente da mesma expressão varia com o parâmetro temporal que define a situação de enunciação: Costa Gomes, Ramalho Eanes, Mário Soares.

Inversamente, um mesmo indivíduo ou objecto pode ser referente de expressões diferentes, a que correspondem sentidos diferentes. Um exemplo clássico: para referir um mesmo referente — Napoleão — podem usar-se, entre muitas outras, as expressões *o vencedor de Iena* ou *o vencido de Waterloo*.

Demos atrás alguns exemplos de expressões nominais — *este livro*, *as mesas redondas*, *um estudante de física*, *alguma gente que passava*, *o actual Presidente da República*, *o vencedor de Iena*, — às quais é associado um sentido e, pelo menos, um referente. Porém, aos núcleos dessas expressões — os substantivos *livro*, *mesas*, *estudante*, *gente*, *presidente*, *vencedor*, respectivamente —, assim como às expressões que resultam da supressão do determinante — *mesas redondas*, *estudante de física*, etc. — associamos um sentido mas não um referente.

A observação leva-nos a concluir que uma expressão refere (ou tem um referente) quando essa expressão:

- (4) (i) resulta de um substantivo (ou Nome (N)), que é o seu núcleo, através de operações de determinação, que são marcadas (a) por um especificador (*este*, *as*, *um*, *alguma*, *o*, podendo o especificador ser nulo, como no plural indefinido que ocorre em *ladraram cães esta noite*) e, (b) eventualmente, como nos exemplos dados acima, por um complemento (*da República*, *de física*, etc.) e/ou por um modificador (*redondas*, *que passava*, *de Iena*, etc.).

A expressão a que podemos associar um referente é, portanto, um Sintagma Nominal (SN). Por exemplo, tendo o N *livro* como

núcleo, obtém-se um número teoricamente infinito de sintagmas nominais, entre os quais *este livro*, *dois livros*, *alguns livros policiais*, *o livro do Gil*. As expressões complexas *mesas redondas*, *Presidente da República*, etc, a que, como acima dissemos, se associa um sentido mas não um referente, correspondem à categoria sintáctica que, na Teoria X-Barra (X'), é etiquetada N-Barra (N') (que domina o N *mesas*, *Presidente*, etc, e é dominada pelo SN (ou N duas barras (N'')) *as mesas redondas*, *o Presidente da República*, etc.);

- (ii) no enunciado pelo qual se faz uma predicação, ocupa um lugar (a) de argumento da proposição subjacente (*este livro é muito caro*, *comprei dois livros ao Pedro*, *alguns livros policiais desenvolvem a inteligência*), ou (b) de adjunto (*li essa história num livro*, *rasguei a capa do meu livro*).

Continuamos a usar o mesmo exemplo: considero que o N *livro* tem um sentido ao qual é possível associar a classe de todos os objectos sobre os quais se pode predicar a propriedade «ser livro». Então, as expressões *este livro*, *dois livros*, *alguns livros policiais*, *num livro*, *do meu livro* referem elementos ou subclasses daquela classe, e essa referência é construída/reconstruída numa situação de enunciação em que é produzido/reconhecido o enunciado respectivo. O conceito de referência é, portanto, indissociável do conceito de enunciação.

8.1.3 O referente do enunciado

Foi atrás introduzida a oposição entre, por um lado, o sentido de um nome N ou de uma expressão complexa N-Barra (N'), que fazem parte do léxico de uma língua, e, por outro lado, o referente do sintagma nominal que tem o nome N como núcleo. Esse referente é, como vimos, um objecto concreto ou abstracto, real ou imaginário, exterior à língua.

Também para o enunciado se pode estabelecer uma oposição semelhante. O enunciado tem na sua base uma proposição, ou conteúdo proposicional, que é uma estrutura abstracta à qual se associa um sentido. Por exemplo, <comprar, rapaz, livro> é uma proposição da qual derivam, entre muitos outros, os enunciados seguintes:

- (5) a. o rapaz comprou um livro
b. estes livros, foi um rapaz que os comprou
c. será que o meu livro vai ser comprado por aquele rapaz?
d. os rapazes devem ter comprado livros
e. está um rapaz a comprar o livro (do dia)
f. (quando cheguei) estavam rapazes a comprar o teu livro

Quando a proposição sofre operações de determinação pelas quais lhe são atribuídos valores de quantificação e qualificação (singular, plural, etc.) de diatese (activa, passiva, média), de tempo (anterioridade, simultaneidade, posterioridade), de aspecto (perfectivo, imperfectivo), etc, torna-se um enunciado, e podemos então associar-lhe um referente.

O referente do enunciado — que é, não um objecto, mas um estado de coisas, isto é, (lembramos), uma relação entre objectos ou uma propriedade caracterizando um ou vários objectos —, identificar-se-á, portanto, com o conteúdo proposicional que lhe é subjacente, depois de afectado dos valores de determinação atrás referidos. E esse referente será o que, no ponto 2.4.1, designámos por **acontecimento linguístico**, construído na e pela enunciação.

Retomando as funções tradicionais da linguagem acima mencionadas — referir e predicar —, podemos fundi-las numa única função: enunciar é construir referência, isto é, construir uma relação entre a língua e um determinado estado de coisas, real ou imaginário, que pertence ao mundo extralinguístico.

8.2 Sobre a referência

A construção da referência de um enunciado será abordada num das próximas unidades. Continuaremos agora a estudar os tipos de referência marcados em expressões nominais.

8.2.1 *Expressões referenciais e expressões predicativas*

Dissemos acima que determinadas expressões — nominais, pronominais — referem (objectos, indivíduos, abstracções). São por isso chamadas **expressões referenciais**. Dissemos também que essas expressões referem quando ocupam lugares de argumento ou de adjunto numa predicação:

- (6) a. a Terra é redonda
- b. a Terra é um planeta

- (7) a. o Gil deu um livro à Ana
- b. a Ana e o Gil compraram uma mesa redonda

- (8) o Estádio Nacional é fora de Lisboa

Nos enunciados (6), (7) e (8) são feitas predicações: em (6) são atribuídas propriedades — *(é) redonda/um planeta* — ao objecto referido pela expressão referencial *a Terra*; em (7a) é estabelecida uma relação — *deu* — entre os objectos referidos pelas expressões referenciais *o Gil, um livro e a Ana*; em (7b) é estabelecida uma relação — *compraram* — entre os objectos referidos pelas

expressões referenciais *a Ana e o Gil e uma mesa redonda*; em (8) é estabelecida uma relação — (*é fora (de)*) — entre os objectos referidos pelas expressões referenciais *o Estádio Nacional e Lisboa*.

Nos enunciados pelos quais se faz uma predicação distinguem-se, então, as expressões referenciais (*a Terra, o Gil, um livro, a Ana, a Ana e o Gil, uma mesa redonda, o Estádio Nacional, Lisboa*) e outras expressões — as **expressões predicativas** — pelas quais se atribuem propriedades — (*ser redonda* ou (*ser um planeta*) —, ou se estabelecem relações — *dar, comprar, (ser) fora (de)*. Note-se que o adjectivo *redonda* é expressão predicativa no enunciado (6a) e é constituinte de uma expressão referencial no enunciado (7b), onde a expressão predicativa é *compraram*.

Sintetizando: a estrutura semântica do enunciado é constituída por expressões referenciais, às quais se associa um sentido e um referente, e por expressões predicativas, às quais se associa um sentido mas não um referente. As expressões predicativas podem pertencer a uma grande diversidade de categorias sintácticas: sintagmas nominais (ex.(6b)), sintagmas adjectivais (ex.(6a)), verbos (exs.(7a) e (7b)), preposições (ex.(8)).

Há ainda outras expressões no enunciado que têm um (ou mais do que um) sentido, mas que não são expressões referenciais — não se lhes pode associar um referente — nem são expressões predicativas — não servem para predicar. Essas expressões têm função puramente gramatical ou de organização textual. Observemos o seguinte exemplo:

(9) vi um cão e uma pomba no pátio. O cão ainda lá está

Em (9), os artigos indefinidos marcam, entre outros valores, o género e o número gramaticais; na expressão *o pátio*, o artigo definido marca a construção de um referente como identificável pelos participantes da enunciação; na expressão *o cão*, o artigo definido marca a identificação referencial entre as duas ocorrências linguísticas de *cão*; a conjunção *e* marca a coordenação textual entre duas expressões do mesmo tipo; a palavra *ainda* marca um valor de natureza aspectual.

8.2.2 *Expressões definidas e expressões indefinidas*

Comparemos os seguintes enunciados:

- (10) a. o professor recomendou um livro à Ana
- b. comprei alguns livros na feira
- c. este livro foi editado no Brasil
- d. os livros que comprei na feira foram muito baratos

Ao reconstruir a significação de (10a) e (10b), o interlocutor interpreta as expressões *um livro* e *alguns livros* como referindo, respectivamente, um objecto determinado e um conjunto de objectos determinados, apenas especificados pela sua propriedade definitória «ser livro», que os integra numa mesma classe. Mas, nessa classe, os objectos referidos por aquelas expressões não se distinguem dos restantes objectos da mesma classe.

Pelo contrário, as expressões *este livro* e *os livros que comprei na feira* são interpretadas como referindo, respectivamente, um objecto e um conjunto de objectos que, na construção referencial, não só são especificados pela propriedade definitória «ser livro», que os integra numa mesma classe, mas também se distinguem dos outros objectos da mesma classe. Por outras palavras, enquanto elementos da classe definida pela propriedade «ser livro», os objectos referidos pelas expressões *este livro* e *os livros que comprei na feira* são perfeitamente individualizáveis e identificáveis pelo locutor e pelo seu interlocutor.

As expressões referenciais que, como *um livro* e *alguns livros*, referem um objecto ou um conjunto de objectos determinados como objectos quaisquer de uma classe são chamadas **expressões indefinidas**. As expressões referenciais que, como *este livro* e *os livros que comprei na feira*, designam um objecto ou um conjunto de objectos perfeitamente identificados e individualizados dentro de uma classe, são chamadas **expressões definidas**.

8.2.3 *Uso referencial e uso atributivo de expressões indefinidas*

Observemos agora os enunciados seguintes:

- (11) a. está um homem no jardim
- b. o Gil já é/está um homem

Em (11a), a expressão indefinida *um homem* é usada para referir um indivíduo determinado, cuja existência é, porém, introduzida no universo de referência de forma não específica. Do indivíduo assim introduzido, o interlocutor apenas sabe que «é um homem e que está no jardim». Em (11b), a mesma expressão *um homem* é usada para predicar uma propriedade («ser homem») sobre o indivíduo referido pela expressão referencial *o Gil*. Fala-se, para o exemplo (11a), de **uso referencial** da expressão *um homem* e, para o exemplo (11b), de **uso atributivo** da mesma expressão. Por outras palavras, no exemplo (11b), a expressão *um homem* é uma expressão predicativa.

Podemos constatar que as expressões indefinidas são usadas referencialmente quando desempenham no enunciado as funções sintácticas de sujeito (ex.(12a)), de objecto directo (ex.(12b)), de objecto indirecto (ex.(12c)), ou ainda de adjunto (ex.(12d)):

-
- (12) a. esta tarde telefonou *uma pessoa*/telefonaram *várias pessoas*
b. encontrei *um amigo/amigos* no cinema
c. o Gil emprestou o carro a *um amigo*
d. a Ana foi ao cinema com *um amigo/amigos*

A expressão indefinida é, pelo contrário, usada atributivamente quando desempenha a função sintáctica de predicativo (do sujeito — exemplos (11b), (13a), (13b) — ou do objecto directo — exemplo (13c)):

- (13) a. a Ana é/parece *uma estrela de cinema*
b. a Ana e a Inês são/parecem *estrelas de cinema*
c. o Ministro nomeou a Ana *directora-geral*

8.2.4 *Ambiguidade referencial*

O facto de uma mesma expressão indefinida poder ser usada referencialmente ou atributivamente dá origem, em determinados contextos, a um tipo de ambiguidade que se designa habitualmente por **ambiguidade referencial**. Para o enunciado seguinte, duas interpretações são possíveis:

- (14) a Ana quer comprar uma casa com pista para ovnis

Numa das interpretações, o locutor sabe da existência de uma casa que a Ana quer comprar, e sabe ainda que essa casa, entre outras características, tem a de dispor de uma pista para ovnis («uma casa que tem uma pista para ovnis»). E é esta a característica que o locutor escolhe transmitir ao seu interlocutor. Poderia, sem dúvida, ter escolhido outra característica: por exemplo, «a casa que a Ana quer comprar fica na Rua R, n.º N. 5.º Esquerdo», ou «custa tantos milhares de contos», ou «tem vista sobre o rio».

Na outra interpretação, «ter uma pista para ovnis» é a única característica que define, para a Ana, a casa dos sonhos que algum dia virá, talvez, a comprar. Tal casa não existe, apenas existe o desejo de «uma casa que tenha pista para ovnis», desejo que a Ana transmitiu ao locutor de (14) e que este retransmite ao seu interlocutor.

Relacionando estas duas interpretações com a oposição 'sentido/referente' que atrás foi proposta, podemos dizer, como esboço de síntese, que à expressão *uma casa com pista para ovnis* se podem associar, na primeira interpretação (uso referencial), um sentido e um referente, e, na segunda interpretação (uso predicativo), um sentido mas não um referente.

Os contextos que permitem este tipo de ambiguidade são geralmente associados a verbos que exprimem vontade, probabilidade ou possibilidade, isto é,

que projectam um determinado acontecimento linguístico numa situação futura, não como certo, mas como desejado, provável ou possível.

Muitos outros contextos, porém, determinam a ocorrência de ambiguidade referencial. Para os seguintes exemplos, inspiramo-nos em Jackendoff (1983: 90):

- (15) a. este fato serve a uma criança de sete anos
- b. aquele rapaz parece um político famoso

Podemos encontrar, em (15a), duas interpretações. Na primeira, a expressão *uma criança de (= que tenha) sete anos* é usada atributivamente: faz parte de uma expressão predicativa complexa através da qual se atribui uma determinada propriedade (neste caso, o valor de uma dimensão) ao referente de uma expressão referencial (*este fato*). Nesta interpretação, à expressão *uma criança de sete anos* não se associa um referente mas apenas um sentido, que será «uma criança-tipo de sete anos».

A outra interpretação corresponde ao uso referencial: a expressão *uma criança de (= que tem) sete anos* refere uma criança determinada (grande ou pequena, não interessa), e é relacionada com a expressão *este fato* através da expressão predicativa *serve a*.

Também a (15b) se podem associar duas interpretações: numa delas, o locutor atribui ao referente da expressão referencial *aquele rapaz* a propriedade «ser parecido com o político famoso típico». Estamos perante o uso atributivo da expressão indefinida *um político famoso*. Na segunda interpretação, o locutor conhece um determinado político famoso com o qual o referente de *aquele rapaz* se parece. É o uso referencial da mesma expressão.

Nas línguas, como o português, em que existe a oposição entre os valores dos modos indicativo e conjuntivo, associa-se ao conjuntivo o uso atributivo (*um político que seja famoso*) e ao indicativo o uso referencial (*um político que é famoso*). Este teste empírico permite, como vimos, desambiguar qualquer dos casos de ambiguidade referencial apresentados.

8.2.5 Expressões definidas

Nos seguintes enunciados as expressões referenciais em itálico referem objectos, indivíduos, etc. que são perfeitamente individualizados e identificados no universo de referência construído pela enunciação:

- (16) a. *as mesas redondas* foram compradas numa loja da Baixa
- b. quem te ofereceu *este livro de poemas*?
- c. *o Gil* gosta muito de poesia
- d. *Ramos Rosa* é o poeta que *ele* prefere

-
- e. *eu* gosto de viajar
 - f. *o Silva* gosta de viver em *Lisboa*

São expressões definidas:

- (17) (i) os sintagmas nominais em que o especificador é um artigo definido ou um demonstrativo (*as mesas redondas, este livro de poemas, etc.*);
- (ii) os nomes próprios (*Ramos Rosa, o Gil, Lisboa, etc.*), que, em português, integram sintagmas nominais, com especificador realizado lexicalmente ou não;
- (iii) os pronomes pessoais (*eu, ele, te, etc.*).

As expressões definidas referidas em (17i) são geralmente designadas **descrições definidas**, por constituírem uma descrição que permite, no contexto situacional, a identificação do referente.

Poderão as expressões definidas ser usadas atributivamente, à semelhança do que vimos para as expressões indefinidas? Observemos alguns enunciados:

- (18) a Ana é a directora comercial (de quem te falei)

Neste enunciado, quer *a Ana* quer *a directora comercial (de quem te falei)* são expressões referenciais. Os referentes respectivos são construídos pelo locutor como perfeitamente identificáveis pelo seu interlocutor. Estamos perante um **enunciado equativo**, isto é, um enunciado em que é estabelecida uma relação de identificação referencial entre duas expressões referenciais. Essa relação é expressa pelo verbo *ser*, que, neste tipo de enunciados, funciona como uma expressão predicativa autónoma, ao contrário do que se passa, por exemplo, em (19a) e (19b), em que o verbo *ser* não passa de um mecanismo gramatical que liga ao sujeito um predicado não verbal:

- (19) a. o Gil é um rapaz simpático
- b. o Gil é simpático

Em alguns casos, porém, as descrições definidas são usadas atributivamente. Comparemos (20) e (21):

- (20) a. a Ana trabalha numa empresa onde é directora comercial
- b. a Ana é directora comercial na empresa onde trabalha
- (21) a. a Ana trabalha numa empresa onde é a directora comercial
- b. a Ana é a directora comercial na empresa onde trabalha

Nos enunciados (20) e (21), predica-se sobre o sujeito *a Ana* não só que trabalha numa empresa, mas também que, nessa empresa, é directora comercial. Nos enunciados (21) predica-se, além disso, que ela é a única directora comercial.

Comparando (21) com (18), pomos em destaque as seguintes diferenças: o artigo definido *que*, em (18), marca a retoma, com identificação, de uma referência construída anteriormente tem, em (21), valor de unicidade; o verbo *ser* que, em (18), é uma expressão predicativa estabelecendo uma relação de identificação referencial entre duas expressões, é, em (21), um simples mecanismo gramatical de ligação de um sujeito a um predicado não verbal; finalmente, a expressão *a directora comercial* é expressão referencial em (18) e expressão predicativa em (21).

A inversão da ordem das expressões definidas só é, em princípio, possível em enunciados equativos, onde não há uma predicação sobre um sujeito mas a identificação de duas expressões. Como seria de esperar, da inversão dos dois argumentos de (18) resulta um enunciado equivalente:

(22) a directora comercial (de quem te falei) é a Ana

A inversão das expressões ligadas pelo verbo *ser* não parece resultar tão bem em (21), não sendo, no entanto, totalmente de excluir, pelo menos neste tipo de enunciados:

(23) ? a directora comercial na empresa onde trabalha é a Ana

O enunciado (23) é, evidentemente, possível, se o primeiro termo da identificação corresponder à retoma anafórica¹ de uma expressão que ocorre num enunciado anterior. Mas não é equivalente ao enunciado (21b).

¹ Ver unidade 12.

Parece poder afirmar-se que os nomes próprios e os pronomes, são, na grande maioria dos casos, usados referencialmente. No entanto, os nomes próprios podem ocorrer em expressões predicativas, predicando sobre qualquer dos lugares de argumento da proposição:

- (24) a. o Gil é o Einstein da nossa escola
b. a Ana chamou ao filho mais novo Benjamim

Em (24b), a expressão *Benjamim* constitui uma predicação incidindo sobre a expressão referencial *o filho mais novo*.

8.3 Referente e valor referencial

A distinção que acabámos de estabelecer entre sentido e referente parece relegar o conteúdo deste último conceito para um plano totalmente exterior à actividade da linguagem. Nos exemplos que apresentámos atrás, faz-se uma

associação aparentemente directa entre uma forma linguística (quer seja uma expressão nominal ou um enunciado) e um segmento do mundo real ou imaginário (quer seja um objecto ou uma combinação de objectos) que essa forma linguística refere. Lembremos, porém, que a actividade da linguagem, mesmo quando construímos uma referência que visa representar o mundo, é determinada pelas nossas próprias representações desse mundo. Então, ao construirmos referência, produzimos sequências linguísticas que são associadas, não a segmentos de um mundo, real ou não, inteiramente exterior à actividade da linguagem, mas a segmentos do mundo que nós próprios projectamos, de acordo com a nossa experiência. Podemos assim falar, na sequência de Jackendoff (1983: 28), de um mundo projectado, ou experimentado, opondo-se ao mundo exterior, real ou imaginário, em relação ao qual as línguas naturais são sistemas autónomos de representação. Por outro lado, uma das propriedades específicas das línguas naturais é a sua autonomia enquanto sistemas de representação. Manifesta-se essa autonomia, por exemplo, no facto de a língua funcionar independentemente da presença ou, sequer, da existência extralinguística do objecto ou do estado de coisas cuja referência é construída linguisticamente.

No acto de enunciar, a construção da referência não corresponde ao estabelecimento de uma relação directa entre o enunciado e um referente extralinguístico. Essa relação é mediatizada por um acontecimento linguístico, isto é, por uma representação resultante da convergência de diferentes **valores referenciais**. Ao linguista diz respeito o estudo do acontecimento linguístico e não a possível existência de um referente extralinguístico.

É o termo 'valor referencial' que adoptaremos a partir de agora, uma vez que o termo 'referente' é geralmente identificado com um segmento do mundo exterior.

8.4 Tópicos de recapitulação geral

- sentido e referente
- uso predicativo e uso referencial de expressões nominais
- ambiguidade referencial
- referente e valor referencial

Referências bibliográficas

CARON, J. 1983 - *Les régulations du discours*, Paris, PUF.

FIGUEIREDO, C. de 1949¹⁴ - *Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Bertrand.

JACKENDOFF, R. 1983 - *Semantics and Cognition*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press.